

BRASÍLIA JÁ TEM O SEU DIALETO

Djalma Cavalcante Melo

Brasília, por suas características formadoras, é um campo particularmente especial para o desenvolvimento de pesquisas de natureza sociolinguística. Aqui convivem pessoas de todos os lugares do país. Essas pessoas trouxeram consigo o dialeto e a cultura regionais. É comum, em Brasília, inferir sobre a origem das pessoas pelo seu estilo de fala. Diversos experimentos de sociolinguistas mostraram que o sotaque é, de fato, uma forte pista indicadora da procedência regional ou até mesmo social das pessoas. Outros estudos provaram que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma que certas diferenças lexicais e gramaticais entre variedades sociais também o

são. E ainda, que se pode associar determinado sotaque e dialeto a determinados traços da personalidade, pois, na maioria dos contatos diários mais superficiais, as pessoas julgam-se, mutuamente, como referência a certos estereótipos.

Cabe aqui um breve esclarecimento sobre o conceito de dialeto e sotaque. Entendemos dialeto como sendo uma variação de um código comum, pois uma língua não é um simples, um único código usado da mesma maneira por todos os falantes em todas as situações. É fato claríssimo que nenhuma língua se apresenta como um sistema rígido e uniforme. A língua portuguesa no Brasil apresenta um alto grau de variação, quer no vocabulário, quer na pronúncia, quer na sintaxe, decorrente da vastidão de seu território associada com a estratificação social da população. Definimos o termo sotaque, de acordo com Mattoso Câmara, como um conjunto de traços fonológicos específicos que caracterizam a pronúncia numa modalidade regional de língua. A diferença que consideramos entre sotaque e dialeto é que o primeiro é restritivo à variedade de pronúncia, enquanto o segundo inclui também diferenças sintáticas e lexicais.

Brasília, aos quarenta anos, possui o seu próprio dialeto, seu sotaque?

A resposta a esta questão pode divergir a extremos afirmativo e negativo.

A situação linguística de Brasília se constitui num caso peculiar no Bra-

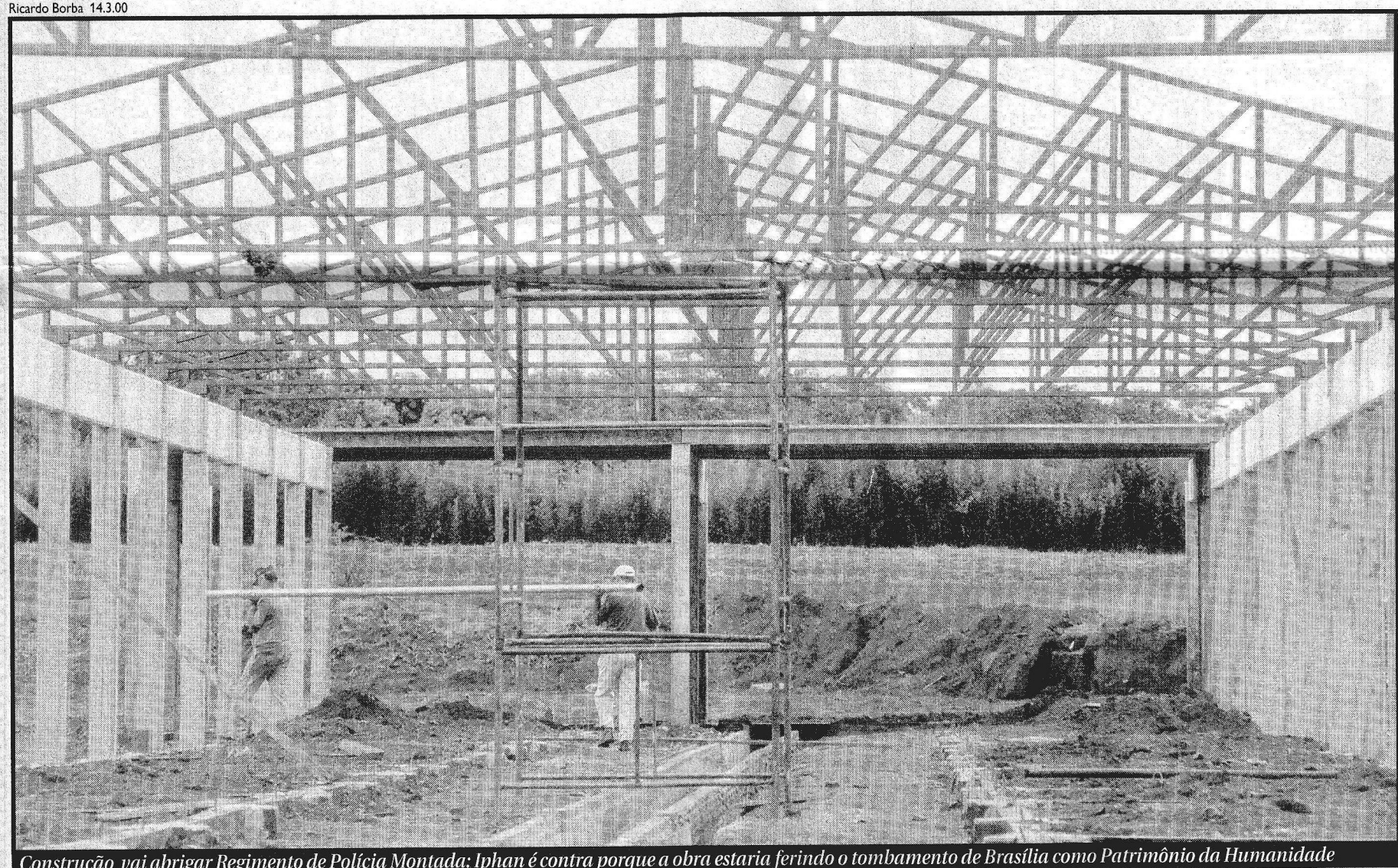
sil. A cidade foi criada, não surgiu espontaneamente, e povoada por pessoas de todas as regiões do país. Devido ao intercâmbio social constante de seus habitantes, podemos afirmar que Brasília vive uma situação particular de difusão dialetal. As diversas variedades regionais de fala estão, teoricamente, em competição. Para a formação do dialeto brasileiro dois processos linguísticos podem ser evocados e qual estaria predominando: uma preservação das identidades pré-migratórias (divergência) ou a procura de um denominador comum (convergência)? O processo que prevalecerá, mais cedo ou mais tarde, será o de convergência. Brasília possui um dialeto emergente que se caracteriza por uma certa sobriedade fonética. O dialeto de Brasília caracteriza-se por não possuir traços marcantes estereotipados.

Realizamos uma pesquisa sociolinguística sobre as atitudes e as variedades regionais de fala no Brasil, trabalhando com os dialetos gaúcho, paulista, carioca, goiano, pernambucano e brasileiro. A pesquisa se baseou na hipótese de que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma que certas diferenças lexicais e sintáticas. O significado social atribuído às variedades de sotaque e dialeto é determinado, na maioria das vezes, pelo que chamamos de estereótipos. As pessoas tentam, freqüentemente, eliminar

aquilo que consideram como marca de status social inferior ou como regionalismo. Isso porque elas se firmam na crença generalizada de que a pronúncia tal é indicadora de superioridadefinferioridade social ou de educação.

Dos resultados obtidos pela pesquisa, a variedade de Brasília recebeu o valor mais alto de prestígio, embora não a relacionando à cidade. Isso porque o brasileiro mostrou ter preferência por uma variedade de fala sem traços estratificados socialmente. Em Brasília, convivem os principais dialetos regionais em situação de contato. Nenhum dos dialetos pesquisados possui, para o brasileiro, prestígio linguístico suficiente para exercer forte pressão social e se sobrepor aos demais. Da situação de conflito, está surgindo um padrão brasileiro. Um padrão de equilíbrio entre os graus de diferenças dos sotaques regionais. Constatamos, porém, que ainda não há, na população, uma consciência clara do surgimento desse padrão de fala tipicamente brasileiro. Essa observação nos remete à conclusão, e a reforça, de que os jovens de Brasília, independentemente de sua origem familiar, já compuseram entre si um conjunto de normas linguísticas que provavelmente se consolidará como o dialeto de Brasília. É só uma questão de tempo.

■ Djalma Cavalcante Melo é professor do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília



JUIZ PROÍBE BAIAS NO PARQUE

Da Redação

Se depender da Justiça, não haverá Regimento de Polícia Montada no Parque da Cidade. O juiz Jamil Rosa de Jesus, da 14ª Vara Federal, em Brasília, concedeu liminar ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), determinando o embargo imediato da obra. No entanto, a construção continua porque o administrador do Parque da Cidade, Cassio Poli, que foi notificado da decisão judicial, afirma não ter poder de embargar a construção.

Poli recebeu cópia da decisão judicial às 17h de quarta-feira. Assinou o documento e o enviou de volta à Justiça. “O juiz mandou que eu embarasse a obra. Só que não tenho poder de polícia nem de Justiça. Quem tem que embargar a obra é o governo, não eu”, defende-se. Segundo ele, a construção está numa área privada, cedida pela Companhia de

Água e Esgotos de Brasília (Caesb). “Ali já existiam os reservatórios de água da Caesb antes mesmo da inauguração do parque. O parque cresceu e abraçou a área, mas ela não nos pertence. Como não mandaram a liminar para a pessoa certa, o pessoal da Novacap continua a obra”.

Pelos cálculos do administrador, as 90 baias para cavalos e o pequeno posto veterinário que compõem o Regimento ficariam prontos em 20 dias. “Falta pouco para a conclusão da obra, apenas fazer a cobertura e colocar os azulejos”, diz. “Se não tivesse essa queda-de-braço, os freqüentadores do parque ganhariam mais segurança já no mês que vem.”

A “queda-de-braço” a que ele se refere é a disputa entre o Iphan e o governo local. O Parque da Cidade faz parte da área tombada do Distrito Federal. Qualquer obra ou alteração no espaço deve ser aprovada pelo instituto. Mas, mesmo sem au-

torização, o governo deu início à construção do regimento em janeiro último.

“Eles desobedeceram o embargo administrativo e começaram a construção”, explica o superintendente regional do Iphan, Marcelo Brito. “Tentamos negociar, mas não houve acordo. O Iphan não teve outra alternativa a não ser entrar com uma ação civil pública contra o GDF”.

O resultado da ação foi a concessão da liminar. Em sua decisão, o juiz Jamil Rosa destaca que “em nome da segurança, já se pretendeu fechar as superquadras do Plano Piloto, pôr um muro divisório no Eixo Rodoviário e tantos outros desatinos são tolerados e muitas outras extravagâncias são tentadas”.

TRAPALHADA

Para Marcelo Brito, a decisão representa uma vitória da sociedade brasileiro. “A Justiça federal entendeu que a preser-

vação do patrimônio tombado de Brasília é a alavanca motora para o desenvolvimento social e a preservação da qualidade de vida”, avalia. “A liminar é um exemplo para o GDF e para as empresas locais da importância de se preservar o patrimônio público.”

Cassio Poli, no entanto, considera a liminar um retrocesso. “Em todos os parques do mundo, a segurança é feita pela polícia montada. Não é possível que o mundo todo seja burro e só Brasília inteligente”, diz. Ele observa que hoje 22 policiais militares se revezam na proteção dos freqüentadores. Mais 90 homens trabalhariam no local com a construção do regimento. “Temos de lembrar que Brasília está crescendo. O parque recebe diariamente de 6 a 8 mil visitantes. Nos fins de semana, esse número chega a 120 mil. Hoje, é impossível proteger todos”, argumenta.

A polêmica sobre a construção do Regimento de Polícia

Montada numa área de 3 mil metros quadrados, às margens dos reservatórios que abastecem o Plano Piloto não é a única preocupação dos técnicos do Iphan. Neste ano, eles têm brigado para evitar outros “absurdos” que comprometem ou alteram a área tombada de Brasília.

O instituto tenta embargar a construção de um shopping popular no final da Asa Sul. Como no caso do regimento, a área é tombada e não houve consulta prévia ao Iphan. Mesmo assim, a idéia é erguer ali 1.500 boxes, de cinco metros quadrados cada um. Outra pendenga que o Iphan procura resolver é a construção de um lava-jato em forma de cogumelo no Posto Guarapari (Candangolândia). O Guarapari foi o primeiro posto construído pela Petrobrás no Brasil, em 1959. Ali, existia um restaurante (demolido), o Hotel Guarapari (desativado) e o posto de gasolina (também demolido).

CONVITE

Homenagem ao Mestre Liu Pai Lin
Hoje, às 6h
Local: Praça dos Três Poderes
Encontro de praticantes de Tai Chi Chuan em homenagem ao Mestre Pai Lin

Mostra de fotos, objetos e filmes sobre a história de Brasília
Hoje e amanhã
Local: Boreau de Informações ao Turista, no Aeroporto de Brasília. Aberta 24 horas.
Exposição organizada por alunos de turismo da Upis e IESB

500 anos no Coração do Brasil
Hoje
Local: Memorial JK, a partir das 7h30
O Jeep Clube de Brasília fará o percurso Brasília/Abadiânia reconstituindo a expedição do astrônomo belga Luiz Cruls que demarcou em, 1892, a área onde seria construído o Distrito Federal

A Peregrinação de Brasília — o caminho de Dom Bosco a JK
Hoje, a partir das 8h
Local: A concentração será na Praça do Cruzeiro, atrás do Memorial JK. A peregrinação pelo Eixo Monumental (do Memorial JK até a Praça dos Três Poderes) pretende ser uma rota sagrada pelos monumentos da cidade profetizada em sonho por Dom Bosco

IV Encontro de Veículos Antigos de Brasília
Até 23 de abril, a partir das 8h
Local: Centro de Convenções de Brasília
Serão cerca de 400 carros em exposição. Entre eles o jeep do engenheiro Bernardo Sayão e o Rolls Royce, da Presidência da República

Brasília 40 anos - 40 selos
Até 20 de maio
Local: Agência Filatélica da ECT - SCS, quadra 5, lote 22 - Galeria Nova Ouvidor, das 9h às 17h
Serão expostos 40 selos, originais e ampliados, na forma de poster, dos mais antigos (1958) aos atuais (1999)

XI Copa Brasília de Hipismo
De hoje a 23 de abril
Local: Centro Hípico de Brasília, Parque da Cidade

Exposição Nacional Agropecuária do V Centenário
De 22 de abril a 1º de maio
Local: Granja do Torto

40º aniversário de Brasília e 500 anos de Brasil
23 de abril
Local: Eixão Norte, das 8 às 16h.
Animações, brincadeiras com palhaços, apresentações de pára-quedistas, brindes e shows

Memória a Renato Russo
23 de abril, às 20h
Local: Sala Villa-Lobos, Teatro Nacional.
Regência de Sílvio Barbato. Com a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Entrada franca mediante retirada prévia de convites limitados

Exposição Antônio Porteiro
De 25 de abril a 30 de maio
Local: Foyer Sala Villa Lobos
22 pinturas e 5 grandes esculturas

Mostra 90 anos de Oscar Niemeyer
De 26 de abril a 05 de maio
Local: Expobrasília, Parque da Cidade, das 10h às 22h
Exposição da obra de Oscar Niemeyer em maquetes, fotos e peças

Exposição de fotografias Niemeyer - do abstrato ao concreto
De 27 de abril a 10 de maio
Local: Foyer da Martins Penna, das 15h às 21h
Exposição de fotografias de Carolin Boclin

Brasília Fest Rock
28, 29 e 30 de abril
Local: Albergue da Juventude

Brasília 0 a 40 anos
De 04 a 24 de maio
Local: Sala de Exposições do Itamaraty, das 9 às 19h
Fotos dos anos 70 de Joaquim Paiva, fotos atuais de Todd Eberle e Robert Polidori

Brasília — Cidade Iluminada
Até 30 de abril
Local: Praça das Flores, no 2º piso do Conjunto Nacional
São 40 fotografias dos monumentos de Brasília, entre 1997 e abril de 2000. A mostra vai contar também com fotos documentais, do Arquivo Público do Distrito Federal

Manhã de Autógrafos
22 e 23 de abril, a partir das 9h
Local: Parque Ana Lúcia, Parque da Cidade
Em comemoração aos 40 anos de Brasília, a Casa do Poeta Brasileiro/Seção Brasília realiza a manhã de autógrafos, com a professora Ydê Afonso, dos livros infantis O meu presente, não (sobre a Páscoa) e Viagem ao Planeta Azul (sobre Brasília). Nesses dois dias, vai ser o lançamento o CD Canto de Brasília, de Nestor Kiriner